



## Resumo

### A ISOGRAVURA COMO ATIVIDADE ESCOLAR

**AUTORA PRINCIPAL:** Mariana da Rosa

**ORIENTADORA:** Marilei Terezinha Dal'Vesco

**UNIVERSIDADE:** Universidade de Passo Fundo

#### INTRODUÇÃO

A isogravura como atividade escolar, foi o tema escolhido perante a problemática existente: de que maneira as técnicas alternativas, em específico, a isogravura, poderiam contribuir para o conhecimento e aprendizado da Gravura?

Estamos em um momento e que cada vez mais precisamos de sensibilização. Dispomos de muita tecnologia e praticidade, elas acabam nos dando um foco de produtividade e em diversos setores, lucros. Com isso, temos uma visão mais superficial e genérica do mundo em que vivemos. Muitas boas ações acabam se perdendo, ficamos mais introspectivos apesar de toda comunicação disponível.

Pensando neste ponto, o pré-projeto de pesquisa, auxiliou no desenvolvimento de atividades de artes. Pois, a arte, seu estudo e prática, tem a capacidade de nos fazer refletir, compreender muitas ações e situações no dia-a-dia e conseqüentemente de nos sensibilizar.

Como a arte é um campo muito amplo, a pesquisa teórica teve foco na Xilogravura. Também abordou informações sobre um artista gaúcho que se destacou como gravurista. Para as crianças e pré-adolescentes, os mais lembrados e praticados são desenho e pintura. Por isso é relevante para sua bagagem de conhecimento e experiências, ficar exposto a uma atividade nova e pouco praticada pelos alunos.



Sendo assim, algumas questões foram levantadas no decorrer dos estudos. De que maneira a arte pode contribuir no processo de sensibilização do indivíduo?

Como a arte está vinculada com a ideia de reflexão e compreensão do mundo exterior?

Como a gravura pode ser mais pertencente ao universo escolar?

Técnicas alternativas são viáveis para um melhor aprendizado?

Trabalhar a questão de regionalização em atividades de artes são realmente importantes?

O objetivo geral do pré-projeto era compreender e experienciar o que é a técnica artística gravura, a partir disso, aplicar em aulas práticas a técnica alternativa da xilogravura tendo como eixo a questão da regionalização. A partir disso, outros objetivos surgiram, como: Experienciar a técnica de desenho de observação para ampliar/obter maior domínio do desenho e percepção do objeto.

Conhecer a técnica alternativa da xilogravura obtendo um maior contato com a gravura e seus elementos.

Construir conhecimento sobre a vida e obras do artista gaúcho Danúbio Villamil Gonçalves.

Identificar elementos da nossa região, pois é importante conhecermos onde estamos inseridos e as características que compõem nosso lugar.

Refletir sobre o processo de construção da tiragem, para o aprendizado do mesmo e respeito à outras possibilidades de arte.

## **DESENVOLVIMENTO**

Essa pesquisa é de cunho qualitativo, segundo (Duarte, 2012), A pesquisa qualitativa é traduzida por aquilo que não pode ser mensurável, pois a realidade e o sujeito são elementos indissociáveis. Assim sendo, quando se trata do sujeito, levam-se em consideração seus traços subjetivos e suas particularidades. Tais pormenores não podem ser traduzidos em números quantificáveis. A pesquisa qualitativa tem um caráter



exploratório, uma vez que estimula o entrevistado a pensar e a se expressar livremente sobre o assunto em questão. Na pesquisa qualitativa, afirma (Duarte, 2012), os dados, em

vez de serem tabulados, de forma a apresentar um resultado preciso, são retratados por meio de relatórios, levando-se em conta aspectos tidos como relevantes, como as opiniões e comentários do público entrevistado. O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de acordo com (Chiara, 2008, p. 19), "A pesquisa bibliográfica é então feita com o intuito de levantar um conhecimento disponível sobre teorias, a fim de analisar, produzir ou explicar um objeto sendo investigado. A pesquisa bibliográfica visa então analisar as principais teorias de um tema, e pode ser realizada com diferentes finalidades." A pesquisa de campo fará parte do estudo, entrelaçando-se com a abordagem teórica. Para o autor (Gil, 2008, p. 69), "O estudo de campo estuda um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação. Procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas." A técnica de coleta nesta primeira etapa da pesquisa foi constituída por de análise documental e observação. A observação segundo (Gil, 2008, p. 50), "faz parte da pesquisa-ação e se caracteriza pelo envolvimento dos pesquisadores e pesquisados no processo de pesquisa" O principal objetivo da observação participante, segundo (Gil, 2008, p.50), é "desempenhar papel ativo na coleta, análise e interpretação dos dados".

Os dados e observações foram coletados conforme as questões estruturadas no roteiro de observação, os dados serão sistematizados no diagnóstico, cuja finalidade do estudo visa identificar as necessidades educativas que permeiam a Socrebe.

A coleta de dados foi realizada no período integral, com carga horária de 06 horas, com o intuito de definir de nos aproximarmos da realidade socioeducativa dos participantes, cujo dados servirão de base para elaboração do plano de atividades.

**COMO COMEÇOU A GRAVURA**



Para o desenvolvimento teórico do pré-projeto, foi escolhida uma referência bem didática para a compreensão do leitor, onde nela há um passo-a-passo da técnica de xilogravura, e é claro, a história da mesma.

Para a realização das atividades foi utilizada a técnica alternativa da xilogravura, no qual é chamada por isogravura. Iso de isopor, pois a matriz, ou seja, o suporte para a gravação não é a madeira. Normalmente é utilizada as bandejas de isopor, elas são muito fáceis de “ferir”. Como as goivas são muito utilizadas na madeira, as chamadas pontas secas nos dão o resultado que precisaremos. Elas podem ser tampas de caneta, pregos, ponta de lápis, cliques, entre outros. O processo de impressão é manual, e a tinta utilizada normalmente é tinta guache. Essa técnica alternativa pode ser utilizada nas escolas pois está adaptada para que não seja nenhum risco ao estudante. A utilização de goivas, as lascas da madeira ou até o tiner para a limpeza da matriz suja com tinta tipográfica oferecem um certo grau de perigo. Desse modo, para o conhecimento da xilogravura sem necessariamente fazê-la com os materiais necessários, aprendemos a isogravura, com os materiais alternativos.

DANÚBIO VILLAMIL GOLÇALVES

Além de abordarmos a gravura nas atividades, o eixo norteador para a produção das tiragens foi o pinhão. Teve toda uma conversa sobre alguns costumes e comidas típicas do Sul, enfatizando nossa região e aproveitando para sintetizar os planos, pesquisei uma sucinta biografia sobre esse artista gaúcho.

Para que tivéssemos uma referência de quem já fez algo na área, vimos um artista que teve bastante destaque com suas xilogravuras. Danúbio Gonçalves foi gravador, desenhista, pintor e professor, mas é conhecido principalmente por sua atuação como gravurista. Nasceu em Bagé no Rio Grande do Sul em 1925, tem 93 anos.

## 1. ESCRITOS SOBRE A PRÁTICA EDUCATIVA

### 1.1 INTRODUÇÃO À TÉCNICA ISOGRAVURA



Data: 11/06/18

Horário de início e término: 8:00 até 9:15

### **1.1.2 Escritos sobre momento inicial da aula**

Primeiramente antes de iniciar as atividades, os alunos vão para o refeitório tomar café. Das 8:00 até 8:15, logo após, vão para as salas realizar as atividades. O grupo escolhido para aplicar as aulas foi a turma da Dança A. Foi feito inicialmente, cinco planos de aula, pois teria somente 1 hora para aplicar. Mas para um melhor aproveitamento e rapidez, as cinco aulas foram divididas em dois dias; duas segundas-feiras. Os participantes estavam ansiosos para fazer a atividade, pois eles viram que a sala já estava preparada, os materiais estavam em cima da mesa de trabalho. Algumas imagens de xilogravura, araucária, pinhão e pinha; duas matrizes de xilogravura, e uma pinha. As bandejas de isopor também chamaram a atenção e despertou a curiosidade deles. Queriam saber o que iriam fazer, sentaram de frente para a grande mesa de mármore, e estavam bem atentos ao que era falado. A atividade foi proposta com a intenção de familiarização da técnica, por isso, a apresentação inicial dos materiais que seriam utilizados, e a conversa inicial foram imprescindíveis para um resultado posterior positivo.

### **1.1.3 Escritos sobre a dinâmica inicial- Conversa sobre o tema**

Como os participantes já eram conhecidos, não foi necessária uma dinâmica de apresentação. Eles já conhecem seus colegas e a condutora das aulas. Por isso, para começar uma atividade diferente das que já estavam familiarizados, foi proposto algo que não estavam acostumados. Uma conversa inicial sobre o que já conheciam ou tinham visto de xilogravura, da árvore araucária e sua semente, o pinhão. A intenção do diálogo inicial, foi fazê-los “entrar” mais a fundo na atividade, fazer conexões com seus conhecimentos e aplica-los nas propostas. Foram feitas algumas perguntas, como “Vocês já viram essa árvore?”, “Sabem o nome dela?”. Aluna A “Eu já vi essa árvore, ela é muito grande e tem lá perto de casa”; Aluno B, “Sim, essa aqui é que dá o pinhão, né prô?”. As imagens das xilogravuras chamaram atenção, Aluno C, “O que é isso?” Aluno D, “Nossa! Que legal, prô, quero desenhar essa casinha!”. Para introduzi-los no



assunto, teve a conversa, algumas perguntas sobre se já tinham visto ou não, sabiam ou não o que era

etc. E a apresentação das imagens e materiais; uma aluna perguntou: “Prô, como é feito o isopor?”. Foi uma pergunta inesperada, a qual foi respondida com certa incerteza, mas foi dito que era uma boa questão e que iria ser pesquisada para lhe dar a resposta.

#### **1.1.4 Escritos primeira atividade- Conhecendo a isogravura**

Depois da conversa inicial, foi aprofundado um pouco mais sobre xilogravura. Foi levado duas matrizes de xilogravura para eles verem e sentirem a textura da madeira sulcada. Uma das imagens apresentadas aos alunos foi da série *Charqueadas* do artista Danúbio Gonçalves, foi realizada uma reflexão sobre como o artista fez a tiragem, sulcou a madeira, os materiais que teria utilizado e o tema que ele escolheu, retratando alguns costumes gaúchos. Conversamos sobre o autor da obra, discutimos um pouco sobre sua vida e seus trabalhos e relacionamos a questão da regionalidade com nossas araucárias e o pinhão. Ficaram surpresos com o trabalho e pensaram na dificuldade de fazê-lo, dando ênfase nos detalhes da imagem. Quando viram a matriz e apalparam, logo um participante disse, “Ah! Agora eu quero fazer na madeira, você trouxe para nós fazer isso? ”. Então, depois desse comentário, foi explicado que, por causa da dificuldade e risco de se ferir com a madeira e as goivas utilizadas, existia a técnica alternativa da xilogravura, a isogravura servia como uma maneira didática de aprender e entender o processo. Pelas suas expressões, percebia-se o quão envolvido estava cada um na atividade, e por isso, estavam agitados positivamente, ou seja, queriam começar a experimentar a técnica o mais rápido possível.

Para cada um, foi dado uma bandejinha branca, primeiramente precisaram recortar as bordas da bandeja e deixar somente o fundo quadrado. Depois, queriam começar a desenhar, mas foi ordenado que mantivessem a calma, pois o isopor fica marcado facilmente e isso sairia na tiragem, então se errassem, dificilmente daria para consertar. Folhas para rascunho foram distribuídas para que fizessem seus desenhos, a proposta era fazer um pinhão, ou uma composição que tivesse o pinhão como protagonista. Começaram a desenhar e logo as dúvidas surgiram, perguntaram se



poderia desenhar uma araucária junto, se poderia ser somente um pinhão ou poderia fazer vários. O tamanho do desenho e a posição dele também foram motivos de dúvida. Conforme iam desenhando e chamando para ajuda, ia-se observando as diferenças de perspectiva e também de olhares.

Uns faziam somente o que foi proposto, outros já faziam uma relação e um porquê daquilo; a faixa etária deles são bem diferentes, desde os 7 anos até os 12, e por isso, foi bom observar essas nítidas diferenças que obviamente refletiram na atividade. Apesar de estarem bem envolvidos na proposta, dois alunos estavam relutantes quanto ao desenho. Aluno C, “Eu não sei desenhar um pinhão! É assim?”, Aluno B, “Desenha para mim? Como eu faço isso?”. Uma característica da turma é não gostar muito de desenhar, é um ponto de maior bloqueio e dificuldade para eles, preferem outras atividades, como a pintura por exemplo.

Quando terminaram de desenhar, foi pedido para que eles passassem o desenho para a matriz de isopor, colocando a folha por cima e fazendo o contorno. Essa parte foi bem tranquila, pois viram que o isopor é fácil de ficar marcado. Depois dessa etapa pronta, deixamos as matrizes prontas para a próxima segunda-feira realizar a tiragem e conferir o resultado. Não gostaram muito da ideia, pois estavam apressados e impacientes, queriam fazer e acabar. É também uma característica da turma, não permitirem muito tempo em uma atividade só.

## **1.2 MOMENTO DA TIRAGEM**

Data: 18/06/18

Horário de início e término: 8:00 até 9:15

Foi muito esperado esse momento de resultados, estavam impacientes e bem agitados. Nessa manhã, do dia 18/06, a atenção teve de ser redobrada para que não atropelassem os processos. Inicialmente, recordamos o que cada um tinha feito, relembramos os processos e começamos a atividade. Toda a questão da limpeza dos materiais, o uso de jornais e o cuidado com a matriz foi redito. Mas, um aluno não teve



o cuidado com sua matriz e a quebrou no meio, porém não se partiu. Apesar de parecer um erro, o ocorrido serviu como um bom exemplo para ele e os colegas. Em vez de pegar outra matriz, foi dito para fazer a tiragem mesmo assim, enfatizando a fragilidade do isopor e que o corte iria aparecer. O aluno aceitou seu erro, não foi uma frustração, até

tornou-se um momento engraçado. Sabendo que nem sempre os resultados ficam como esperado, principalmente na isogravura, a primeira tiragem foi como se fosse uma P.A (prova de artista). Estavam tão ansiosos e esperançosos que o medo da frustração com a técnica surgiu, por isso, foi dito para que não se preocupassem tanto se não saísse como queriam, e que poderiam fazer mais de uma tiragem e poderiam, se necessário, interferir na matriz.

Para fazer o sulco no isopor, foi utilizado lápis HB e agulhas de croché. A tinta utilizada foi a guache preta, mas enfatizando que se fazem também tiragens com tintas coloridas. Aluno E, “Ah, eu gostaria de fazer vermelha a minha”, Aluno D, “Sim, ficaria muito legal”. Antes de entintar a matriz, fez-se uma “cama” para as tiragens saírem no mesmo lugar.

Duas mesas foram utilizadas, uma para fazer a tiragem e outra para entintar e colocar as cópias prontas. Todos respeitaram a vez de cada um na hora de entintar e de fazer a cópia, tomaram mais cuidado na hora de colocar a folha, mas esqueceram das mãos sujas de tinta. Aluno D, “Tem problema se eu sujar a folha?”, foi respondido que sim, “Devemos tomar cuidado com as mãos sujas, pois assim estraga o trabalho, somente o desenho da matriz deve ficar impresso na folha”.

Depois disso, cada um que estava com as mãos sujas de tinta, na hora na tiragem, lavavam na pia antes. Surpreendentemente, todos adoraram fazer isogravura, ficaram muito felizes com os resultados e queriam fazer muitas cópias. Aluna F, “Ai, que lindo! Olha prô o meu, ficou incrível!”, quando uma tiragem ficava falhada, percebiam que precisava de mais tinta, e como os mais novos tinham mais dificuldade, os mais velhos explicavam e ajudavam.





No final, pediram se dava para levar para casa depois de secar. Foi dito que sim, saíram da aula muito felizes. Era uma técnica que ninguém conhecia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a arte pode contribuir de muitas maneiras no processo de sensibilização do indivíduo. É a pioneira no desenvolvimento dos sentidos como um todo, provoca

reflexões e associações. Faz relações e permite que se aprenda de uma maneira mais completa.

Fazer e estudar arte está vinculado com o processo de reflexão e compreensão do mundo exterior. Tanto para arte-educadores quanto para estudantes. É como se fosse uma cadeia, onde tudo está interligado. A ação da reflexão do que está ao nosso redor é só uma consequência daquilo que nos preenche por dentro, da curiosidade ou simplesmente da consciência da existência. É por isso que sensibiliza nossos sentidos, praticamos mais.

A gravura pode ser mais pertencente ao universo escolar, basta adaptá-las para a sala de aula. As técnicas alternativas são ótimas para o ensino da gravura, com elas obtém-se resultados positivos, muitas atividades podem ser executadas, diversos temas e propostas podem ser abordados. As técnicas abrem inúmeras possibilidades, e a vantagem é que se aprende utilizando materiais que são mais acessíveis para os alunos, e também mais seguros.

A xilogravura, serigrafia e gravura em metal, por exemplo, podem ser estudadas utilizando suas técnicas alternativas e abrangem muitos artistas e obras. Ou seja, aquilo que se aprende em gravura não se limita a somente artistas que trabalham ou trabalharam com essa técnica, outras áreas podem ser exploradas, e isso faz com que o arte-educador envolva o aluno com atividades diferenciadas e muito divertidas também.



Trabalhar a questão de regionalização em atividades de artes são realmente importantes. Primeiramente, um tema regional aproxima mais o estudante do assunto, conseqüentemente ele se vê inserido no contexto e consegue fazer melhor as relações e consegue compreender. O teórico ajuda na prática e vice-versa, quando se obtém essa aproximação com o conteúdo, os resultados são melhores. Nas aulas dadas foi perceptível isso, muitos alunos lembraram de situações e relacionaram com o que já tinham visto ou ouvido, a participação deles foi melhor em comparação às aulas dadas antes do pré-projeto.

Sendo assim, conclui-se que apesar da experiência como condutora de aula de artes, é nítido que quanto mais estar preparada melhor, e que, sempre pode haver interferências e mudanças no meio do caminho. Por isso foi imprescindível seguir cada parte planejada. O resultado foi positivo apesar de algumas mudanças.

## REFERÊNCIAS

PONTUAL, Roberto. **Dicionário das artes plásticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969, p. 246.

DANÚBIO Gonçalves. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9418/danubio-goncalves>>. Acesso em: 25 de Abr. 2018. Verbete da Enciclopédia.

CHIARA, I. D. et al. **Normas de documentação aplicadas à área de Saúde**. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2008, p. 19.

GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas S.A, 2008, pgs 50, 69.

DUARTE, V. **Pesquisa quantitativa e Qualitativa**. Disponível em:< <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/regras-abnt/pesquisa-quantitativa-qualitativa.htm>> Acesso em: 20 de Mai, 2018.

HERSKOVITS, Anico. **Xilogravura: Arte e Técnica**. 1 ed. Porto Alegre: Tchê!, 1986. pgs 13-32-89-91-98-99.



**CONSTRUINDO CONHECIMENTOS  
PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

1 A 5 DE OUTUBRO DE 2018

